

**A FALA DE UM “SUBVERSIVO”: IMPRENSA ALTERNATIVA,
CONTRACULTURA E RESISTÊNCIA, EM TERESINA, NA
DÉCADA DE 1970.**

Jardiane Lucena Nascimento
UFPI
jardy55@hotmail.com

Resumo: O presente artigo objetiva tratar do movimento de contracultura, em Teresina, na década de 1970, através da entrevista de Marcos Igreja com a utilização de história oral temática na perspectiva de Thompson (1992), aliado a imprensa alternativa, analisando desde sua chegada no Brasil até alcançar a capital do Piauí, observando-se os comportamentos dos jovens frente ao Regime Militar instalado no país, em meados da década de 1960 que chega com força na capital e no estado na década de 1970. Para isso foram utilizados o conceito de memória de Pollack (1992), noções de identidade na pós-modernidade de Hall (2006), sobre história oral Joutard (2000) Becker (2006), história do tempo presente de Chartier (2006), acerca da contracultura Branco (2004) e Brito (2016), além do jornal alternativo *O estado interessante* (1972).

Palavras-chave: Contracultura. Imprensa Alternativa. História Oral.

Para o historiador modernista, a história do tempo presente, pelo menos como ele a imagina, desperta um mau sentimento: a inveja. Antes de tudo, inveja de uma pesquisa que não é uma busca desesperada de almas mortas [...]
(CHARTIER, 2006, p. 215)

Introdução

Como bem observa Chartier, a história do tempo presente não busca almas mortas, antes sua preocupação é com os vivos; não só os documentos - papéis - servirão de fonte histórica, mas os próprios sujeitos, os próprios atores sociais que vivenciaram o momento histórico em questão. É através dos vivos que falam, contam, narram o passado como o vivenciaram que se constrói um documento e, conseqüentemente, interpretações sobre ele.

À época da Ditadura Militar, devido às proibições do governo, a criação da Lei de Imprensa e estabelecimento dos Atos Institucionais - que restringiam a liberdade de pensamento, de manifestação e de imprensa - é que surgem as maneiras alternativas de

contestação ao Regime, sendo que uma delas foi a criação da imprensa alternativa, que teve destaque não apenas no Brasil, como também no Piauí.

Os principais atores da imprensa alternativa eram jovens de classe média que tinham um discernimento do que acontecia no Brasil, diferente da maioria da população brasileira e piauiense, absorta e seduzida pela ideia de ordem e progresso estampada pelo governo militar através, principalmente, da grande mídia. Esses então, configuravam-se como os excluídos, os marginalizados, os subversivos da história e que reconhecemos hoje como sujeitos históricos tanto como os militares, os ditos vencedores, o que nos evoca à uma das inspirações e força da história oral que é dar voz aos excluídos, aos vencidos, àqueles que não têm oportunidade de falar, fazendo com que cada indivíduo seja sujeito da história (JOUTARD in ALBERTI; et.al. 2000).

Como adverte Thompson (1992) “há muitos estilos diferentes de entrevista, que vão desde a que se faz sob forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar...” (p.254) e levando em conta o estilo do informante, adotou-se uma conversa informal com algumas perguntas que conduziram a entrevista para o caminho almejado pela pesquisa.

Assim, utilizando-se da história oral, através da entrevista temática, na perspectiva de Thompson (1992) pretende-se trazer à tona memórias de um ex-integrante do jornal alternativo *O estado interessante* (1972) - Marcos Igreja¹ - a fim de se conhecer mais a fundo o contexto social e cultural, analisando os desdobramentos da contracultura entre os jovens e como se relacionou com o Regime Militar, em Teresina.

A Contracultura e os seus desdobramentos no Brasil

O Movimento Contracultural, surgido nos Estados Unidos e na Europa, ainda na década de 1950, foi recebido no mundo, inclusive no Brasil, pelos jovens, principalmente os de classe média, de muito bom grado. Slogans como “É proibido proibir”, “Paz e

¹ Natural de Teresina, 12/11/1948, possui formação em Filosofia. Hoje aposentado, atuou no partido PCB à época da Ditadura. Mora em Timon – MA foi vice-prefeito de Timom – MA, entre 2001-2004 e ainda atua na política. Foi editor de *O Estado Interessante*.

amor”; uso de drogas; sexo livre; roupas coloridas; cabelos crescidos nos rapazes; músicas- manifesto; entre outras manifestações, foram os símbolos desse movimento (PEREIRA, 1992). Assim formulou-se a ideia de “aldeia global”, pois, a globalização permitiu o contato de pessoas de todo o globo terrestre, fazendo com que as fronteiras físicas não fossem mais um empecilho para o alastramento dessa cultura:

[...] A década de sessenta, portanto, pôs em contato subjetividades do mundo inteiro, harmonizando os gostos, padronizando os desejos e aniquilando – pela via da lenta subjetivação da ideia de uma “aldeia global” – noção de uma cultural nacional [...] (BRANCO, 2004, p.42)

No Brasil, tais práticas e pensamentos chegaram ao final da década de 1960, trazendo reflexos também à imprensa, pela falta de liberdade imposta em um período onde as conjunturas social e política não admitiam pensamentos e atitudes diferentes do que o governo propunha: Estava em vigor no Brasil o Regime Civil-Militar.

Um dos primeiros e principais jornais, que mais teve destaque no país, foi *O Pasquim*, em 1969, tendo Luiz Carlos Maciel como principal porta-voz do movimento contracultural: “No tabloide, Luiz Carlos Maciel transformou a coluna "Underground" em observatório pioneiro das rebeldias existenciais e políticas da juventude brasileira e internacional naqueles tempos de contracultura.” (LEAL, 2015). Assim:

Além de introduzirem, no Brasil, temáticas da contracultura, alguns de seus protagonistas experimentaram drogas, em especial o LSD, em busca de novos modos de percepção. “O Pasquim”, ao lado de suas raízes no nacional-popular, instituiu o culto da cultura underground norte-americana, e ainda detonou um movimento próprio de contracultura, transformando a linguagem do jornalismo e da publicidade, e até a linguagem coloquial. (CAPELLARI, 2006, p. 1)

Esses comportamentos, maneiras de vestir e de pensar o mundo que se alastraram entre os jovens, inclusive os Teresinenses, são atribuídos a uma crise de identidade do sujeito, onde o mesmo sofreu um duplo deslocamento de si e de seu lugar social, o que vai levá-lo ao estado de permanente mudança e de construção, a sua identidade nunca está pronta e acabada:

[...] sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel:[...] É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume diferentes identidades, em diferentes momentos... (HALL, 2006, p.12/13)

A noção de pertencimento ao movimento de contracultura que teve início nos Estados Unidos e na Europa, ainda no final da década de 1950, torna-se perceptível quando levamos em conta que se espalhou por muitos países e se arrastou por pelo menos três décadas, ou seja, indivíduos que não vivenciaram diretamente o movimento integraram-se a ele porque identificaram-se com as músicas, os comportamentos, a rebeldia, enfim com essa forma de manifestar os seus sentimentos, seja contra o capitalismo, nos Estados Unidos, seja contra o Regime Militar no Brasil, por exemplo. Liberdade é pelo que gritavam e pelo que iam contra a cultura vigente. Assim, Sirinelli formula sobre a noção de pertencimento que:

Certamente a geração, no sentido “biológico”, é aparentemente natural, mas também um fato cultural, por um lado modelado pelo acontecimento e por outro derivado, às vezes, da autorepresentação e da autoproclamação: o sentimento de pertencer – ou de ter pertencido – a uma faixa etária com forte identidade diferencial [...] (SIRINELLI, 2006, p.133)

Os jovens brasileiros que se identificaram com esse movimento, mesmo não o acompanhando de perto, – até mesmo porque a ideia de aldeia global permitiu a ultrapassagem de fronteiras – participarem de lugares sociais diferentes – apesar de a maioria ser de classe média, mas havia diferenciação entre a classe média brasileira e a norte-americana – sentiam-se pertencentes a uma faixa etária, como assinalou Sirinelli, levando-se em conta que o movimento teve início ainda no final da década de 1950 e somente chegou ao Brasil mais fortemente no final da década de 1960 - principalmente se falamos do interior do país, como no estado do Piauí, por exemplo - quando se expandiram as tecnologias e inovações tecnológicas no mundo, trazendo uma “... nova maneira de experimentar o tempo e o espaço, a partir dessas mudanças introduzidas pelas inovações tecnológicas fez surgir novas práticas e concepções políticas e econômicas também num âmbito macro” (BRANCO, 2004, p.54) .

A crise de identidade porque passou esses jovens de países diferentes, em circunstâncias diferentes, e até mesmo em décadas diferentes, foi causada, de certa maneira, pelas inovações tecnológicas que o homem moderno trouxe para o mundo como a chegada do homem à lua, e a invenção do videocassete que fizeram com o que o sujeito enxergasse o mundo de outra forma, causando assim um duplo deslocamento tanto de si,

como do seu lugar social, como supõe Hall, necessitando-se de novas formas, novos conceitos, novos modos de vida, e de uma nova renomeação do mundo e das coisas.

Nesse contexto desenvolveu-se a contracultura, onde até o corpo manifesta-se, seja através de uma roupa colorida, um cabelo crescido nos homens ou curto nas mulheres, seja no modo como esse corpo se comporta na sociedade, como por exemplo, a prática do sexo ao ar livre e a migração constante de lugar para lugar:

[...] E nesta recusa contra a cultura dominante os jovens se esforçariam, especialmente, para estender e tensionar os limites da linguagem, impondo novos conceitos e significados e, inclusive, utilizando os próprios corpos como instrumento desta nova linguagem... (BRANCO, 2004, p.60)

O regime autoritário procurou através de uma cultura nacional unificar o povo brasileiro, forjando uma identidade para o país, com slogans autoritários, ideia de milagre econômico e de futebol, já que “uma cultura nacional também é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção de nós mesmos [...]” (HALL, 2006, p.50) e “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, p.59, 2006), mas esse forjamento tem efeito contrário no âmbito político “[...] o golpe militar de 1964 é o marco mais original do processo de desmantelamento do dispositivo nacionalista [...]” (BRANCO, p. 60, 2004)

Uma nova forma de contestação ao que estava acontecendo no mundo se dará em torno dos cabeludos. Torquato Neto, inclusive era um dos adeptos desse estilo, onde em muitos lugares era proibida a entrada como frequentar clubes, e outros ambientes privados, em que os cabeludos eram malvistas. Em Teresina, inclusive, essa forma de se portar frente a sociedade causou alguns incômodos, como é possível perceber na fala do diretor Moacir Madeira Campos, do Ginásio Leão XIII, que proíbe que rapazes com esse “costume” frequentem seu colégio:

Sou contra o uso de cabelos longos pelos homens e não permito que rapazes de abastadas e afeminada cabeleiras, frequentem o meu colégio. Sou contra porque acho que esse costume desmasculiniza o homem, fazendo-lhe ficar com gestos afeminados.

Não concordo também com quem diz que os cabeludos representam uma nova corrente cultural e que o cabelo grande é um protesto da juventude. Para mim

eles não querem protestar nada. (O Estado Interessante, Teresina – PI, 04 de junho de 1972. p. 07)

No trecho acima Moacir Madeira Campos expõe o pensamento que era compartilhado pela maioria da população brasileira e teresinense, de que não era uma forma de contestação, mas sim um descuido higiênico, ou mesmo, como falou o diretor que “o costume desmasculiniza o homem” e não acreditava que era uma forma de protestar contra o Regime vigente.

Assim, Teresina, da década de 1970, bem como outras capitais do nordeste, redeseenhava-se tanto no aspecto cultural, como no modernizante. Mesmo que tardiamente a contracultura chega com seus comportamentos, subversão, arte, música e linguagem, possibilitadas por informações trazidas pela mídia alternativa:

toda a efervescência cultural vivida na década de sessenta com a Tropicália, o Cinema Novo, a arte ambiental e as manifestações artísticas mais engajadas com os problemas políticos, começava a migrar da região Sudeste para o Nordeste, chegando a Teresina em meados da década de setenta, possibilitando uma mudança – mesmo que tardia – nos padrões comportamentais, nas atitudes e na valorização da arte. As informações trazidas pelas novas mídias, pelos jornais e revistas alternativas, nas letras de músicas e nos poemas de artistas considerados subversivos, pelos estudantes que viajavam para estudar fora e pelos viajantes que transitavam pela cidade, tudo isso apresentava a uma parcela da juventude teresinense da época. (LIMA, 2006, p.24)

Nessa cidade que passava de provinciana para moderna, na década de 1970, através de projetos realizados pelo governo autoritário, aqui no Piauí, executados pelo governador Alberto Silva, sempre dando ares de progresso, como queria o regime no poder, chamado pela mídia oficial de “o governo do otimismo” (FONTINELES, 2015, p.215), a angústia da modernidade gerou um deslocamento nos sujeitos, o que facilitou a incursão das ideias trazidas pela mídia alternativa, ideias de contestação culturais e comportamentais, que iam contra a cultura vigente, imposta pela sociedade Teresinense.

No Piauí, muitos jornais alternativos nasceram, na década de 1970, com o intuito de se oporem aos da grande imprensa, considerados aliados do Regime. Exemplos de aliados do Regime citam-se *O Dia* e o *Jornal do Piauí*, que sempre estampavam matérias louvando as obras realizadas pelos governantes no poder, o principal deles, foi Alberto Silva. Jornais como *Gramma*, *Toco Crú Pegando Fogo*, *Boquitas Rouge*, *O sol*, *O Estado Interessante* e *Chapada do Corisco* são exemplos de jornais alternativos nascidos à época.

O jornal “O estado interessante” teve início como um encarte do jornal “Estado”, de propriedade do jornalista Helder Feitosa², tendo circulação dominical, foi um dos jornais alternativos piauienses com maior durabilidade. Foram 15 edições, tendo permanecido de 26 de março a 16 de julho de 1972. Variava entre sete e quatorze páginas; seus colaboradores eram jovens da classe média piauiense: Edmar Oliveira³, Antônio Noronha Filho⁴, Marcos Igreja⁵, Alberoni Lemos⁶, Carlos Galvão, Arnaldo Albuquerque^{7.8}

Ao analisarmos a geração de jovens teresinenses, não é difícil constatarmos essa multiplicidade de identidade dentro de um mesmo grupo, no caso, dos jovens produtores de jornais alternativos, onde a todo o momento estavam se reagrupando e participando de diferentes jornais, inclusive na imprensa oficial. Na fala de Igreja constata-se uma rivalidade entre jovens do bairro Vermelha e do Centro que eram também produtores de jornais:

²Tornou-se empresário e posteriormente jornalista piauiense, passou a ter duas emissoras de rádios Poty AM e FM e um jornal (Jornal O Estado), todos do Grupo O Estado.

³Atuou em vários jornais marginais, como o “Gramma”, e atuou na participação de filmes com Torquato Neto.

⁴Era médico, e também foi prefeito na cidade de Monsenhor Gil e secretário de educação e cultura no governo Alberto Silva. Morreu em Teresina aos 71 anos, em 2016, trabalhou com Torquato Neto e foi pioneiro no formato super oito de cinema

⁵Hoje aposentado, atuou no partido PCB à época da Ditadura. Mora em Timon - MA, e ainda atua na política e faz palestras sobre sua participação no Regime Militar em Teresina, era editor de *O Estado Interessante*

⁶Natural de Teresina, atuou também no jornal O Pirralho em 1972, jornal que atacava também o governo por meio de charges e ironias.

⁷Nasceu em 1952 tornou-se pioneiro na produção de charges e quadrinhos no Piauí. Participou de jornais oficiais como *O Dia* e jornais marginais como o *Gramma* e *O Estado Interessante*.

⁸MINEIRO, Edson; et.al. **Os mecanismos de protesto no conteúdo cultural de O estado interessante**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015 <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0976-1.pdf> Acessado em 20/01/2017

[...] Eu trabalhei no jornal “O estado” como repórter, mais ou menos uns seis meses, depois por obrigação partidária tive que me afastar, aí foi o tempo que fiquei fazendo política no meio cultural e conheci o pessoal do Gramma...O Movimento Gramma, dois jornais, todos dois fracos, impresso em mimeógrafo. Torquato era só inspiração, raramente andava por aqui... muito educado, não tinha as frescurinhas do Edmar e do Durvalino [...] eles tinham uma disputa cultural e política entre a Vermelha e o Centro, nós tínhamos mais leitura [...] (IGREJA, 2018)⁹

Percebe-se na fala do entrevistado certo desdém em relação ao jornal Gramma, ou, Movimento Gramma (na entrevista Igreja destaca a diferença entre “... a Turma da grama que era aqueles que se encontravam na grama da igreja São Benedito para conversarem e o Movimento Gramma que eram os produtores do jornal”) (IGREJA, 2018) e aos seus produtores quando chamou as duas edições do jornal de “fracos” e faz referência a Torquato somente como inspiração do grupo, qualificando-o em detrimento dos outros integrantes do jornal.

Ao decorrer de seu relato é perceptível um tom de provocação e de superioridade quando se refere aos integrantes do jornal *Gramma* quando diz que eles – da Vermelha – tinham mais leitura, por exemplo, além disso havia também uma questão social, na disputa entre os grupos, o informante era morador do bairro Vermelha e estudava no Colégio “Popular de Teresina”, enquanto os demais do bairro Centro estudavam no colégio Diocesano, colégio considerado de elite.

A Turma da grama – que Igreja se inclui- a qual Marcos Igreja refere-se, com o seu “O simples ato de sentar numa grama permite construir uma metáfora relativa à reapropriação do espaço [...]” (LIMA, 2006, p.33) ao pensarmos que nas praças há uma convenção de não caminhar sobre a grama, os jovens recriam e reorganizam os espaços, nesse caso, a praça da Igreja São Benedito, a Praça da Liberdade, além disso, daí surge um Movimento que deu origem a um dos jornais alternativos “ concentrado na figura de Paulo José, Edmar, Durvalino, Carlos Galvão que era da Vila, mas se adaptou a burguesia e fazia parte do núcleo central e o Arnaldo que era desenhista [...]” (IGREJA, 2018)

A crítica feita ao jornal *Gamma* por Igreja, deve-se a concepções diferentes de engajamento nos jovens Teresinenses, existente desde os anos sessenta como afirma Edwar Castello Branco: “Aos anos sessenta veem emergir a filosofia do *drop out*, cuja maior expressão será o movimento *hippie*. Mas ao mesmo tempo, por outro lado, vastos setores jovens se propõem nas mais diferentes regiões do planeta, a participar *drop in* da política mundial.” (2004, p.67). Enquanto jovens tentavam engajar-se na política institucional, outros através da micropolítica propõem uma luta através de comportamentos, músicas, poesias, maneiras de vestir, produção de jornais alternativos entre outros. Assim é fácil constatar que diferentes gerações conviveram juntas dentro de uma mesma parcela da população que desejava contestar o Regime militar e reconquistar a liberdade usurpada.

Enquanto Igreja era militante de partido, no caso o PCB (Partido Comunista Brasileiro), e por isso tinha uma visão mais politizada do mundo, jovens como os do *Gamma*, participavam desse engajamento de maneira subjetiva, menos militante e mais cultural do que o grupo de *O Estado Interessante* – como, por exemplo, Edmar e Arnaldo que participavam dos dois jornais – apesar de alguns fazerem parte dos mesmos jornais, haviam pensamentos dicotômicos entre os jovens de Teresina.

Um ponto que toca Marcos Igreja é sobre a “imitação” do jornal *O Pasquim* que confirma que o alternativo em questão era visado por jovens de todo o país, e demonstra a relevância que teve no âmbito nacional quando se fala em contracultura no Brasil e que é confirmado por Durvalino Couto quando “se refere aos jornais alternativos piauienses, sobretudo aqueles do qual ele fez parte, como sendo produzidos ‘assim nos moldes do Pasquim’” (LIMA, 2006, p.22):

Eles não querem que a gente diga, mas a gente imitava *O Pasquim*, em tudo, até a coluna *Dicas*... *Dicas* era o diminutivo de indicações. *O Pasquim* dava indicações de livros, filmes e comentários, coordenados pela Olga Savári mulher do Jaguar que era humorista do jornal... cada um escrevia uma poesia pequeninha e até isso a gente imitava, o Edmar colocou o nome de *Zumzum no pé-do-ouvido*, ali era imitação das *Dicas*, menina [...] (IGREJA, 2018)

A fala de Igreja anuncia certo incômodo por parte do grupo ao afirmar que eles imitavam *O Pasquim*, na época tinham ressalva em admitir, no entanto, após o passar dos

anos o próprio Edmar admite que os jornais em que participou eram feitos nos moldes do jornal alternativo já mencionado.

No trecho abaixo Igreja relata um pouco sobre sua militância na clandestinidade, pelo PCB, quando fala sobre o apoio de um padre que cedia os porões da igreja para reuniões, colocando a figura da igreja como simpatizante com o partido e seus ideais e também fala um pouco de sua atuação no jornal *O Pequizeiro*:

Nós já tínhamos uma tradição de escrever poesia, e na Vermelha, porque o padre Carvalho que era quase um militante comunista, cedia os porões da igreja para nossas reuniões...e esse grupo depois reuniu-se e resolveu fazer o primeiro [...] *olha, presta atenção*, o primeiro jornal alternativo do Piauí, não quero dizer com isso que era o primeiro jornal debochado, porque teve O Pirralho [...] o primeiro jornal alternativo foi *O Pequizeiro*, lá da Vermelha [...] (IGREJA, 2018)

Igreja procura enfatizar em sua fala que o primeiro jornal alternativo do Piauí, segundo ele, foi eles que fizeram: “O Alberoni era o diretor e eu era o secretário e o Geraldo Borges, colaborador [...]” (IGREJA, 2018) através do “*olha, presta atenção*”, para não correr o risco de esquecer. Com certeza Marcos Igreja tenta colocar a importância que ele e seu grupo tiveram no estado, como os pioneiros na imprensa alternativa no estado, que é uma forma de ser lembrado, apesar de não ser apontado como tal pela história.

Outra concepção que pode ser tirada daí é sobre as diferentes formas de militar de Igreja. Apesar de ser nesse momento militante comunista, quando participou de *O Pequizeiro*, escrevia não sobre política, mas poesias. Isso confirma que ele teve diferentes identidades em momentos diferentes de sua vida, já que participou de jornais oficiais e de alternativos, como *O Estado Interessante* que tinha um modelo mais voltado para política e contestação que vai de encontro com o que Hall afirma sobre o sujeito pós-moderno:”. O sujeito assume diferentes identidades, em diferentes momentos [...]” (2006,p.13)

Os relatos prestados por Marcos Igreja, em certa medida confirmam o pensamento de Brito, quando cita o conceito de geração de Hall, sobre o momento vivenciado na capital do Piauí:

[...] *A geração*, categoria conceitual que possibilita entrever o tempo ‘dilatando-se ou encolhendo-se ao sabor da frequência dos fatos

inauguradores’, ajuda a pensar as diversas parcelas de jovens existentes em Teresina na década de 1970, vistas sob a ótica tanto das faixas etárias quanto da constituição socioeconômica, cultural e familiar destes [...]” (BRITO,2016, p.71)

Nesse sentido, a geração Torquato Neto - se assim podemos dizer, já que foi fonte de inspiração para diversos jovens que seguiram seu modo de vida, comportamentos e até o uso do cabelo comprido – era uma parcela da população jovem de Teresina, é evidenciado pela fala de Igreja que havia diferentes gerações habitando a cidade, onde ele mesmo é parte dessa diferença, dentre os jovens que desejavam contestar o regime, as formas de pensamento eram diversas.

Considerações Finais

Sabe-se que “a memória é seletiva”. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. “(POLLACK, p.04, 1992)”. Mas nem por isso deve-se deixar de utilizar essa fonte pela riqueza de análise que encontramos ao ouvirmos um relato de quem viveu certa experiência, levando em conta que é uma fonte viva e que a versão foi constituída após o acontecimento, e portanto, é responsável por tudo o que foi dito e escrito a *posteriori...*” assim como em todo documento provocado (BECKER, 2006) por isso sujeita a alterações e intervenção do entrevistado. Nesse sentido a memória de Igreja foi utilizada e analisada através da história Oral aliada aos jornais e produções da época estudada como propõe Becker “não é o caso de descartar a contribuição da história oral, mas também não é o caso de pretender fazer história com base unicamente na história oral [...]” (BECKER, p. 30. 2006)

Assim através da entrevista, dos jornais alternativos e de pesquisas bibliográficas, tentou-se discutir sobre a contracultura em Teresina, desde sua chegada no Brasil, até seus desdobramentos entre os jovens teresinenses frente ao Regime Militar, percebendo como essa contracultura representou resistência e contestação a esse Regime.

As diferenças dentro dos próprios jovens que eram contrários ao Regime, nos ficou evidente, através da Igreja, quando esse demonstra ao decorrer da entrevista certa aversão por jovens que fazia o *jornal Gramma*, chamando os jornais de “fracos” e afirmando que eles (Marcos Igreja, Alberoni Lemos e Geraldo Borges, núcleo de *O Estado Interessante*) tinham mais leitura, quando na verdade, lutavam por vieses

diferentes. Enquanto Igreja e seu grupo representavam a parte jovem do *drop in*, jovens como Edmar Oliveira, Arnaldo Albuquerque e Durvalino Couto, representavam o *drop out*, ou seja, participavam do sonho de engajamento de forma diferente, como nos advertiu Branco, 2004.

Além dessas diferenças dentro do mesmo grupo, pode-se destacar também a constante mudança do sujeito pós-moderno e como ele passa por diferentes fases em momentos diferentes da vida. Isso ficou visível quando levamos em conta os diferentes jornais aos quais Igreja participou e como se comportou neles, ora como apenas um poeta, ora como militante e político.

Depreende-se, a partir das vivências e experiências relatadas pelo informante, que teve participação ativa na cidade de Teresina, tanto na política, como na cultura, ou na contracultura, que diferentes maneiras de atuar e contestar existiram na capital, o que não desqualifica a participação dos jovens teresinenses, frente ao Regime imposto, pois viveram a forma de engajamento de formas diferentes.

Assim a história do tempo presente feita através dos vivos, por meio dos relatos orais deve ser realizada com uma série de cuidados pois “toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetividade: mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.[...]” (THOMPSON, 1992,p1.97). Procurou-se, então, olhar além do dito, percebendo a sutileza na fala e nos gestos, ou mesmo nas maneiras que o informante desejou destacar sua participação na política e na formação cultural de jovens de Teresina, através dos jornais alternativos, ou de suas poesias, em seus momentos *drop in* e *drop out*.

Marcos Igreja representa uma geração Teresinense que se dividiu entre um *corpo-transbunde-libertário* e um *corpo-militante-partidário*, enquanto uma parcela de jovens preocupava-se em promover uma revolução através da política, em sua forma mais densa e revolucionária, outro grupo não desejava uma revolução, mas uma contestação meio que de forma silenciosa, no entanto, que incomodava a sociedade por seus comportamentos, uso de cabelos compridos nos homens, maneiras de vestir e de viver.

Usar a metodologia de história oral é portanto, mais que ouvir histórias, relatos ou fatos que interessam a nossa pesquisa, é lidar com pessoas, que não são papéis

(AMADO, 1997), é reviver junto ao indivíduo entrevistado parte do que ele vivenciou, é trazer a tona memórias, é trazer mais vida e importância a quem foi esquecido perante a sociedade, é sobretudo ouvir a parte silenciada da história e humanizar os personagens históricos, por isso é importante ser cuidadoso quando se lida com a história do tempo presente, a história em que os personagens ainda vivem, pois nossa escrita pode dar rumos positivos ou negativos para esses sujeitos.

Referências Bibliográficas

AMADO, Janaina. **A culpa nossa de cada dia: Ética e história oral.** Proj. História, São Paulo (15), abr. 1997.

BECKER, Jean-Jacques. **O handicap do a posteriori.** In: AMADO, Janaina.; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos & abusos da história oral. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRANCO, Edwar Alencar Castelo. **Todos os dias e Paupéria: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália.** Recife: UFPE, 2004.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. **Torquato Neto e seus contemporâneos: Vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica.** 1.ed.- Curitiba: Editora Prismas, 2016.

CHARTIER, Roger. **A visão do historiador modernista.** In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). Usos & abusos da história oral. 8. Ed. São Paulo: FGV, 2006.

FONTINELE, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica: Maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí.** Teresina: Edufpi, 2015.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI.** IN: ALBERTI, V., FERNANDES, TM. and FERREIRA, MM., orgs. *História oral: desafios para o século XXI* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. (p. 31-45).

LEAL, Cláudio. **Conexão underground – contracultura.** Folha de S. Paulo, 12/07/2015. <http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2015/julho/15.07-Luiz-Carlos-Maciel.pdf> Acessado em: 28/05/2018

LIMA, Frederico Osanan Amorim. **Curtos-circuitos na sociedade disciplinar: Super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985).** UFPI - Teresina, 2006.

MINEIRO, Edson; et.al. **Os mecanismos de protesto no conteúdo cultural de O estado interessante.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em :

<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0976-1.pdf> Acessado em 20/01/2017

PEREIRA, Carlos Alberto M.. **O que é contracultura**. 8 ed. Minas Gerais: Brasiliense, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

STUART, Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: SILVA, Tomaz Tadeu; LOURO, Guacira Lopes. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SIRINELLI, Jean- François. **A geração**. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). Usos & abusos da história oral. 6. Ed. São Paulo: FGV, 2005, 131-137.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Jornal:

O Estado Interessante, Teresina – PI, 04 de junho de 1972. p. 07

Entrevista:

IGREJA, Marcos. Entrevista concedida a Jardiane Lucena Nascimento. Teresina-PI: 01/06/2108